

Tráfico de testosterona e o vício na performance: a produção da masculinidade a partir do uso ilegal de hormônios bioidênticos

Testosterone trafficking and the addiction to performance: the production of masculinity through the illegal use of bioidentical hormones

Tiago Sales de Lima Figueiredo

Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

RESUMO

Este artigo apresenta as primeiras reflexões de uma pesquisa iniciada em dezembro de 2023. O objetivo é compreender os discursos e justificativas em torno dos usos de testosterona bioidêntica entre homens que compartilham suas experiências com essa substância em grupos de WhatsApp. Apesar de o senso comum entender que a busca por tal hormônio e de seus derivados seja apenas pela finalidade estética, os usuários, geralmente atletas amadores de diferentes modalidades, recorrem aos ergogênicos no intuito de melhorar a performance esportiva e sexual, tornar-se mais produtivo no dia a dia e como uma espécie de antidepressivo. Além disso, há, recorrentemente, homens entre 30 e 40 anos de idade que se valem desses grupos no intuito de fazer Terapia de Reposição de Testosterona. Diante deste cenário, o texto analisará a construção da masculinidade a partir do consumo de testosterona sem prescrição médica, mapeando os discursos em torno desta prática em fóruns nas Redes Sociais, por meio de uma etnografia digital. A investigação busca entender como os sujeitos produzem sentido e significações sobre si a partir da quantificação da subjetividade e administração bioquímica do corpo, uma vez que suas elaborações enquanto sujeitos são atravessadas pelos níveis de testosterona total no corpo, a contagem de macronutrientes de suas dietas. Os primeiros investimentos nesse universo demonstram que os usuários de hormônios se tornam dependentes dos efeitos físicos e psicológicos que a testosterona propicia, enquanto uma droga de qualidade de vida, pois ela produz uma espécie de hipermasculinidade.

Palavras-chave: Testosterona, Masculinidade, Qualidade de vida, Medicalização.

Recebido em 25 de fevereiro de 2025.

Avaliador A: 7 de abril de 2025.

Avaliador B: 26 de julho de 2025.

Aceito em 8 de setembro de 2025.



ABSTRACT

This article presents the initial reflections of a research project that began in December 2023. Its objective is to understand the discourses and justifications surrounding the use of bioidentical testosterone among men who share their experiences with this substance in WhatsApp groups. Although common sense suggests that the pursuit of this hormone and its derivatives is solely for aesthetic purposes, users—mostly amateur athletes from different disciplines—turn to ergogenic substances to enhance their athletic and sexual performance, increase daily productivity, and even as a kind of antidepressant. Additionally, there are frequently men between the ages of 30 and 40 who use these groups to pursue Testosterone Replacement Therapy. Given this scenario, the article analyzes the construction of masculinity through the consumption of bioidentical testosterone without medical prescription, mapping the discourses surrounding this practice in forums and social media through a digital ethnography. This investigation seeks to understand how individuals produce meaning and self-perception through the quantification of subjectivity and the biochemical management of the body, as their self-conception is shaped by their total testosterone levels and the macronutrient tracking in their diets. Initial explorations of this universe indicate that hormone users become dependent on the physical and psychological effects that testosterone provides, as a life-quality-enhancing drug, since it fosters a form of hypermasculinity.

Keywords: Testosterone, Masculinity, Quality of life, Medicalization.

INTRODUÇÃO

O aumento da busca por recursos ergogênicos¹ nos últimos anos tem alcançado níveis alarmantes². Suas consequências para a saúde da população já podem ser percebidas pelo aumento de casos de cardiopatia (AlShareef; Gokarakonda; Marwaha, 2023; Sivalokanathan; Małek; Malhotra, 2021) na população com menos de cinquenta anos³. Diante desse cenário, objetiva-

1 Refere-se a qualquer substância, técnica ou recurso utilizado para melhorar o desempenho físico, seja aumentando a força, a resistência, a recuperação ou a capacidade de treino.

2 Reportagem do jornal Valor Econômico que indica o aumento de 670% da venda de anabolizantes no Brasil. Disponível em: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2024/04/13/vendas-de-anabolizantes-crescem-670percent-no-brasil-em-cinco-anos.ghtml>. Acesso em: 7 nov. 2024

3 Estudo do Incor mostra que o consumo prejudica o sistema cardiovascular e pode gerar AVC e ataque cardíaco Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/pesquisa-mostra-que-anabolizantes-trazem-problemas-a-coracao/>. Acesso em: 7 nov. 2024

se investigar os significados que a população usuária de esteroides dá para os hormônios⁴, bem como desvelar os fatores socioculturais que impulsionam os homens a performar uma hipermasculinidade⁵ (Cechetto *et al.*, 2012) através da sua relação com a testosterona⁶ sintética. Nesse sentido, este artigo analisará o impacto na maneira como os homens se relacionam com a sua saúde e produzem significações sobre si desde os níveis hormonais que circulam no seu organismo.

Compreender esse aspecto da saúde é possibilitar políticas públicas mais eficazes para redução de danos e atendimento adequado aos usuários de anabolizantes. A originalidade deste trabalho reside em analisar o uso da testosterona sob o viés da ilegalidade das drogas de qualidade de vida e pela difusão do estilo de vida fisiculturista que está diretamente conectado com a disseminação do saber médico. A questão, portanto, é refletir como homens são seduzidos por um aparente discurso sobre disciplina relacionada a uma dieta saudável e exercícios físicos, mas que, na prática, leva-os a uma vida de abuso de fármacos e riscos sérios à saúde.

Nesses termos, esta etnografia buscará compreender a circulação dos saberes médicos em torno do conceito de Terapia de Reposição de Testosterona (TRT) e as categorias mobilizadas na justificativa para recorrer ao tratamento, tais como a ideia de genética, eixo inibido e hipogonadismo, qualidade de vida, libido, testosterona total e livre. Entende-se que os usuários de hormônios se orientam e justificam emoções bem como sensações físicas a partir da quantificação de suas vidas, isto é, pelos valores numéricos dos marcadores de saúde.

De forma semelhante como meninas adolescentes desenvolvem anorexia por pressões estéticas, parece que esses homens tendem a desenvolver dimorfismo muscular (vigorexia), não percebendo o imenso volume de músculos que eles possuem, querendo sempre mais. Sendo assim, é válido questionar: a autoadministração de testosterona busca alcançar que tipo de masculinidade? Ademais, quais são as falhas ou ausências da sua masculinidade que o uso do hormônio tenta contornar? Como o padrão de masculinidade construído pelos influenciadores se difunde entre pessoas comuns, que se inspiram em um *ethos* fisiculturista sem necessariamente ser?

Como sinalizou Faludi (2006) os homens perderam sua função nas sociedades ocidentais após a segunda guerra mundial, gerando assim uma masculinidade muito mais decorativa que,

4 Entende-se hormônio como uma substância química produzida por glândulas do sistema endócrino que circula pelo sangue e regula funções fisiológicas e comportamentais do organismo.

5 Cechetto *et al.* (2012) define hipermasculinidade pela supervalorização das marcas masculinas como músculos, força física, agressividade, dominação e virilidade.

6 Testosterona é um hormônio esteroide do grupo dos andrógenos, produzido principalmente nos testículos e, em menores quantidades, nos ovários e nas glândulas adrenais. Está associado ao desenvolvimento das características sexuais masculinas, à regulação da libido, da massa muscular e da densidade óssea.

consequentemente, necessita expressar seus atributos através de uma performance masculina que perpassa pela aparência. Em concordância com isso, percebe-se uma relação muito própria com a autopercepção das proporções corporais nos usuários de esteroides.

Portanto, compreende-se que o olhar para o nó da conexão entre o saber médico e as redes sociais encontra uma forma de subjetivação específica, na qual a masculinidade passa a ter sentido através de uma molécula, ao mesmo tempo que o ideal de um certo tipo de masculinidade se torna hegemônico nos espaços virtuais. Cabe recordar a Connell que define masculinidade como uma

[...] configuração de práticas em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero. Existe, normalmente, mais de uma configuração desse tipo em qualquer ordem de gênero de uma sociedade. Em reconhecimento desse fato, tem-se tornado comum falar de “masculinidades” (Connell, 1995, p. 188).

O gênero, segundo Connell (1995), é uma estrutura complexa de relações conscientes e inconscientes e está atrelado a uma relação de poder. As masculinidades, portanto, se constituem na esfera da reprodução e da produção como expressão de si que, por sua vez, se emoldura em seus ambientes de socialização. Para Vale de Almeida (1996), as masculinidades hegemônicas são, na verdade, contextuais, no qual cada uma delas possui determinados capitais mais valorizados que outros. Em cada cenário, os homens precisam evocar determinados gestos, linguajares, vestimentas e códigos de honra distintos.

DO ACASO À IMERSÃO: CAMINHOS METODOLÓGICOS NO SUBMUNDO DA TESTOSTERONA

Este artigo apresenta as primeiras reflexões de minha pesquisa de pós-doutorado sobre saúde e masculinidade. Ela se concentrou em observação participante em grupos de *WhatsApp* dedicados à revenda ilegal de testosterona e de entrevistas semiestruturadas. Esses espaços funcionam como fóruns de troca de informações sobre dieta, treino de musculação e prescrição de protocolos hormonais, além de conversas informais sobre temas variados como política, festas, mulheres, futebol e fisiculturismo.

Creio que seja importante apontar algumas questões metodológicas e cuidados éticos já trabalhados por Silva (2023) e Parreira (2024) em pesquisas usando a Rede Social *WhatsApp*, que se tornou central na comunicação dos brasileiros, principalmente após a pandemia.

Como bem pontuou Silva (2023), quando pesquisamos os grupos de *WhatsApp*, busca-se compreender de forma ampla o funcionamento dessas comunidades. A dimensão tecnológica não é algo

dado ou automático, mas sim resultado de práticas e ações que o fazem ser construído e moldado na relação entre usuários e a plataforma. Com isso, percebe-se que a dinâmica dos grupos aqui estudados gera um espaço de socialização com suas próprias formas de expressão (através de figurinhas, áudios e mensagens de texto), regras de convivência e temporalidades próprias, uma vez que as interações ocorrem a qualquer hora e as respostas não são imediatas à formulação da pergunta tampouco seguem um padrão (Silva, 2023; Parreira, 2024).

Minha entrada nesses grupos se deu meio por acaso. Durante a escrita da minha tese, que passou pela pandemia e por diversos contratemplos, estava eu com dificuldades para terminar meu trabalho. Já sendo pressionado pelo programa a defender, com risco de ser jubilado, recorri a um amigo que tinha um fornecedor de Venvanse® sem receita. Quando mandei mensagem pelo *WhatsApp* ao vendedor recebi um catálogo extenso de drogas de aprimoramento, que envolvia uma série de hormônios, peptídeos, remédios para emagrecimento, canetas de THC, vasodilatadores e, finalmente, os medicamentos para TDAH (Ritalina® e Venvanse®) que eu procurava.

A lista de produtos continha uma identidade visual e o logo da principal marca de anabolizantes clandestina que ele vendia. Junto ao seu portfólio, o vendedor fornecia uma série de links de grupos do *WhatsApp* que ele chamava de “grupos de referências do [codinome do vendedor]”. Esses espaços eram destinados, primeiramente, as pessoas perguntarem se os produtos chegavam de verdade, ou seja, não estavam entrando em um sistema de golpe. Eram, ao todo, seis desses grupos com média de 600 pessoas e um no Telegram com 1,5 mil pessoas (a maioria homens cis, mas havia homens trans e mulheres cis que participavam de maneira mais tímida).

Uma série de fatores me chamou a atenção nesse primeiro contato. A primeira delas foi pela mesma pessoa vender esteroides e medicamentos para aumentar a concentração. Esse primeiro estranhamento se intensificou a ver relatos de pessoas que usavam Ritalina® como pré-treino de musculação.

A segunda delas eram as similaridades com o tráfico de entorpecentes. Às vezes os usuários se chamavam de nória (forma pejorativa que nomeiam a dependentes químicos), ou se referiam ao dono do grupo como “meu traficante”. Em alguns momentos, principalmente perto dos finais de semana, compartilhava-se fotos de garrafas de whisky, cigarros de maconha, cristais de 3,4-metilenodioximetanfetamina (MDMA⁷) junto a foto de uma seringa com um éster qualquer de testosterona, com a frase “sextou!” na legenda.

Percebi com isso que tinha a minha frente uma série de excessos que conformava uma inquietação que essa década estava me trazendo. Então o que era um contato para eu conseguir

7 Substância psicoativa sintética conhecida como “ecstasy”, que provoca efeitos estimulantes e de euforia.

um meio de dar conta dos prazos do doutorado virou um impulso para uma nova pesquisa. Afinal, se um intelectual no século XXI precisa de fármaco para corresponder às expectativas da academia, em que isso se assemelha ou diferencia com as demandas estéticas e performance sexual que certos grupos estão submetidos?

A partir disso, resolvi entrar no grupo e conversar com os membros, apresentando meu interesse de pesquisa. Pouco a pouco fui ganhando respeito entre eles, pois além de doutor em Antropologia sou estudante de Nutrição e praticante avançado de musculação. Então, em um primeiro contato meus saberes sobre dieta tiveram um lugar nas angústias que os usuários apresentavam sobre alimentação e depois, durante uma discussão sobre técnicas de treino, me desafiaram a mostrar uma foto do meu “*shape*”, o que me garantiu consolidar ainda mais uma posição de saber, tanto teórica quanto da prática ao mostrar um corpo musculoso construído apenas com alimentação e treino.

Os meses passaram e minha interação ficava cada vez mais intensa, a ponto de me pedirem no privado dicas sobre treino, dieta e de medicamentos ou alimentos para “render mais na cama”. Junto a essas dúvidas, confessavam-me sobre suas vidas amorosas, profissionais e familiares. Nessas interações individuais que tive com essas pessoas fui inserido em grupos de outras marcas famosas e grupos de fraudes. Nesses mais de 12 meses observando o mercado ilegal de fármacos vi apenas um grupo sendo fechado porque o fornecedor foi preso.

Não importava a marca que o revendedor representava, seus grupos de referências mantinham sempre os mesmos diálogos, as mesmas perguntas sobre primeiro ciclo, local do corpo para aplicar, melhor agulha e os assuntos já mencionados anteriormente.

A experiência prévia nessa plataforma revelou que os conhecimentos sobre nutrição, educação física e farmacologia compartilhados entre as pessoas são decorrentes dos discursos proferidos pelos influenciadores e *podcasts* que irei mencionar no decorrer do texto. Diante disso, outro percurso da pesquisa foi traçar o caminho que os usuários percorriam pela internet até se sentirem convencidos a se tornarem usuário de testosterona.

Diante de todas as possibilidades de inserção dos usuários nesse meio, a justificativa que mais me chamava a atenção era quando um membro novo entrava queixando-se de cansaço, falta de libido e de não conseguir render nos treinos, então relacionava esses sintomas a níveis baixos de testosterona. A recorrência dessa justificativa era grande, principalmente em homens acima de 30 anos. Muitos apresentavam exames que indicavam uma testosterona, baixa, porém dentro da faixa entendida como normal. No entanto se associava os sintomas ao *hipogonadismo*, o que se confirmava ainda mais quando eles começavam um protocolo e relatavam uma melhora significativa na sua *qualidade de vida* com os níveis de testosterona total acima de 1000ng/dl circulando no organismo.

Outro elemento curioso que aparecia com recorrência nos grupos era a ideia de que

uma vez hormonizado, você nunca mais voltaria a ser natural. Um caminho sem volta, que os usuários tinham dificuldade para explicar. Alguns justificavam assim: “seu eixo nunca mais será o mesmo”. Mas qual seria esse eixo que eles tanto falavam? Decerto estavam falando do eixo hipotálamo-hipófise-gonadal (HHG)⁸ (que realmente é inibido com o uso de testosterona exógena) ou, talvez, do eixo Hipotálamo-hipófise-adrenal (HPA)⁹. Porém, quando questionados de qual circuito endócrino seria prejudicado, notava-se que, aparentemente, eles não faziam ideia que o corpo é constituído de vários sistemas hormonais. A preocupação com a inibição do eixo HHG aparecia como uma repetição de um conselho que era facilmente rastreável nos canais do YouTube sobre uso de esteroides e redução de danos.

Ainda, dentro dessa oposição natural e hormonizado, o consumo da testosterona possui um caráter místico, como se fosse atravessar um portal, experimentar um mundo mágico no qual seu corpo ultrapassa um limite que voltar deixa de ser uma opção, devido ao prazer que a testosterona proporcionaria, através do aumento da libido, comportamento mais impetuoso e pela força física. Não à toa, a recomendação do grupo era “se começar a tomar não pare nunca, o ciclo é eterno”.

Nesse sentido, esta etnografia buscará compreender a circulação dos saberes médicos em torno do conceito de Terapia de Reposição de Testosterona (TRT) e as categorias mobilizadas na justificativa para recorrer ao tratamento, tais como a ideia de genética, eixo inibido e hipogonadismo, qualidade de vida, libido, testosterona total e livre. Entende-se que os usuários de hormônios se orientam e justificam emoções bem como sensações físicas a partir da quantificação de suas vidas, isto é, pelos valores numéricos dos marcadores de saúde.

AS REDES SOCIAIS E O MERCADO DA QUALIDADE DE VIDA

O mercado da qualidade de vida parece estar em alta no Brasil. Em 2022, o aminoácido

8 O eixo hipotálamo-hipófise-gonadal (HHG) é o sistema de comunicação hormonal que regula a produção de hormônios sexuais. O hipotálamo libera sinais que estimulam a hipófise, a qual, por sua vez, controla a atividade das gônadas (testículos ou ovários), coordenando funções como reprodução, libido e características sexuais secundárias.

9 O eixo hipotálamo-hipófise-adrenal (HPA) é o sistema hormonal que regula a resposta ao estresse. O hipotálamo estimula a hipófise, que ativa as glândulas adrenais, responsáveis pela liberação de cortisol e outros hormônios relacionados ao estresse e à adaptação fisiológica.

creatina foi o produto mais vendido na *marketplace* Mercado Livre¹⁰. O nicho *saúde e bem-estar* é um dos que tem maior faturamento no YouTube¹¹. Segundo reportagem da revista *Veja*, o brasileiro aumentou seus gastos com academia e produtos *fitness* 35% em 2023¹². Associado a isso, com o crescimento da socialização através das redes sociais, o ato de compartilhar o que antes era do âmbito privado, criou um ambiente que a ideia de corpo sempre jovem e atlético seja possível, não importando a idade (C.f. Sibilía, 2008, 2013, 2015).

Redes sociais como o Instagram, TikTok e o YouTube, por exemplo, produzem influenciadores digitais de um estilo de vida entendido como saudável, que vendem um conjunto de hábitos a serem seguidos. Esse cenário, aparentemente, pela busca de *qualidade de vida* através de uma rotina mais ativa e *disciplinada*, esconde um submundo que está relacionado a drogas de performance, ou de aprimoramento (C.f. Russo, 2021). A carga horária de exercícios físicos diários, refeições regradas e balanceadas, além do corpo esculpido que essas pessoas exibem, são praticamente impossíveis de se obter quando se necessita trabalhar 44 horas semanais e enfrentar diariamente o trânsito das grandes cidades. Gerando assim, uma espécie de cobrança e culpa, uma sensação de dívida consigo mesmo por falhar, por estar cansado demais para ir à academia de musculação, por exemplo (Han, 2015).

Dentro desse universo da internet, existe um subnicho chamado “maromba”. Nesse “ambiente”, os influenciadores digitais são, ou foram, “atletas” de fisiculturismo ou são entusiastas do esporte e falam abertamente do uso de hormônios como um dos elementos para chegar aquele corpo que eles ostentam. Apesar de muitos canais desse meio venderem a ideia que tal composição corporal só é possível de ser alcançado através de uma vida orientada por um plano alimentar e treinos intensos, a testosterona sintética não deixa de ser mencionada como um dos elementos fundamentais para atingir esse objetivo. Uma das metáforas usadas por eles é que o fisiculturismo seria a Fórmula 1 dos praticantes de academia, isto é, o nível mais alto de desempenho e uso do corpo, logo necessitaria de um combustível melhorado.

Nesse contexto da internet, o submundo maromba é extremamente popular no nicho *saúde e bem-estar*, pois dialoga com o público através de *memes*; compartilhando métodos e técnicas de treinamento de musculação, bem como ensinando como montar a sua própria dieta, sempre baseado em comer muita proteína. Pelo caráter, ao mesmo tempo engraçado e

10 Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/consumo/creatina-lidera-lista-de-itens-mais-vendidos-de-2022-no-mercado-livre-veja-lista/#:~:text=Consumo%20dos%20brasileiros,Creatina%20lidera%20lista%20de%20itens%20mais%20vendidos,no%20Mercado%20Livre%3B%20veja%20lista&text=O%20item%20mais%20comprado%20no,%E2%80%9Co%20refletor%20de%20LED%E2%80%9D>. Acesso em: 7 nov. 2024.

11 Disponível em: <https://www.portalinsights.com.br/perguntas-frequentes/quais-sao-os-nichos-que-mais-pagam-no-YouTube>. Acesso em: 7 nov. 2024.

12 Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/radar-economico/gastos-com-academias-e-produtos-fitness-crescem-35-em-2023-aponta-ita>. Acesso em: 7 nov. 2024.

instrutivo, ele gerou um estilo de vida que ultrapassa a prática esportiva do fisiculturismo. Há, de fato, uma legião de fãs de influenciadores como Renato Cariane, Leandro Twin e Laercio Refundini, Scarpelly ou LeoStronda, que são usuários de hormônios e falam abertamente sobre isso.

Além desses mencionados, cabe destacar o *podcast MonsterCast*, que se destina a discutir o panorama do fisiculturismo no Brasil e no mundo. A programação consiste em conversas com atletas, nutricionistas, educadores físicos e *coaches*¹³ sobre o cotidiano, os bastidores das competições, dieta e técnica de treinamento. Embora tenha essa proposta abrangente, sem dúvida, sua maior audiência são os programas nos quais os convidados, geralmente farmacêuticos, respondem perguntas do público sobre os protocolos de drogas e suas consequências; como analisar os exames de sangue e o que fazer caso surja algum efeito colateral indesejado. Os mais comuns são: ginecomastia¹⁴, acne, hematócrito¹⁵ elevado ou problemas hepáticos.

Outro assunto levantado pelo *podcast* e discutido pela sua audiência é a dependência psicológica em testosterona. Esse tema é levantado pelos atletas veteranos de fisiculturismo amadores e profissionais que contam o lado obscuro do uso dessas drogas e do seu potencial dano à saúde mental e física. Além do hormônio, relatam também a drogadição em estimulantes como anfetaminas e cocaína que eram utilizados para melhor rendimento na rotina de treinamento. Cabe destacar que a anfetamina mais popular entre eles, o sulfato de mefentermina, era encontrada em um medicamento polivitamínico administrado para o desempenho de equinos de competição, ou debilitados por anemia. Nesses testemunhos, os fisiculturistas falam sobre as sequelas ocasionadas pelo abuso dessas drogas que vão desde dismorfismo corporal, insuficiência renal, problemas hepáticos até a necessidade de fazer um transplante de coração por esse órgão perder sua funcionalidade, devido a hipertrofia ventricular.

À vista disso, nos últimos anos, também é crescente o número de médicos que ganham notoriedade nas redes sociais por falarem dos riscos e cuidados ao fazer a utilização de hormônios sintéticos para fins estéticos. Eles cativam sua audiência por apresentarem uma postura de redução de danos. Aliás, o uso consciente é uma das justificativas que esses meios se valem para falar sobre o assunto.

Para homens que fazem atividade física e consomem o conteúdo maromba, o flerte com a possibilidade de adentrar no mundo dos hormonizados é frequente e sedutor. Principalmente

13 O termo coach é usado amplamente nas redes sociais para designar uma pessoa que oferecem orientações para a vida das pessoas, uma espécie de mentoria digital, além de promoverem palestras com conteúdo de autoajuda.

14 Ginecomastia: aumento do tecido mamário masculino, frequentemente associado ao processo de aromatização, no qual hormônios androgênicos (como a testosterona) são convertidos em estrogênio.

15 Hematócrito indica a porcentagem do volume sanguíneo ocupada por glóbulos vermelhos; quando elevado, pode indicar sangue mais espesso, aumentando o risco de problemas circulatórios como trombose.

por dois motivos que serão o foco desta pesquisa: o primeiro é pela ideia que se constrói nesses canais sobre a dificuldade em ganhar massa muscular, falta de disposição e libido associada à baixa produção de testosterona. O uso de doses relativamente baixas, portanto, “seguras”, aumentaria a qualidade de vida em diversas esferas: trabalho, sexual e esportiva.

A segunda é pela promessa de que, com doses supra fisiológicas do hormônio percorrendo o corpo, o treino de qualquer prática esportiva fica mais intenso por aumentar a capacidade de recuperação dos tecidos musculares. Esse fator é frequentemente comparado pelos influenciadores com ir a uma rave e usar MDMA. A substância comum usada em festas eletrônicas faz com que os participantes consigam dançar por horas a fio sem se cansar, conseqüentemente aproveitando o máximo da festa. A testosterona, nesse sentido, é a droga que induz o prazer aumentado do praticante de esporte que sente satisfação em deixar o corpo extenuado, levantando mais peso e aumentando a intensidade do treino, trazendo um novo limite de esforço a ser explorado. Não é à toa a analogia que os influenciadores fazem com substância psicoativas se pensarmos a maneira que alguns usuários de esteroides lidam com os hormônios. Esta relação entre prazer, compulsão e limites corporais se materializa de forma dramática em relatos como o de um usuário em um dos grupos, que relatou uma forte compulsão em injetar testosterona.

Eu to monstruoso, mano! Muita disposição, muita força, muito ódio, eu nem tenho o que treinar, mas quero voltar lá e fazer mais. Vou acabar me matando, ou me machucando feio. Antes eu cheirava[cocaína] e fumava maconha. Agora quero injetar mais hormônio e treinar mais. Tomar mais cafeína e treinar mais. Mas tô no meu limite. Não tenho um pingão de vontade de cheirar ou usar qualquer outra droga, mas quero injetar pelo menos 2ml em mim. A cabeça tá fudida, mas pelo menos estou vestindo o shape (H., 20 anos, 2024).

Esse tema de levar o corpo ao limite, manter-se jovem e potente se conecta diretamente com a questão da virilidade entre os homens, e os significados atribuídos à masculinidade na era dos dispositivos sintéticos e sóciotécnicos. Com o avanço das tecnologias médicas e da informação surgem novas possibilidades de subjetivação — agora mediada pelos números. Quer seja dos marcadores de saúde, quer seja pelas visualizações e curtidas das redes sociais (Sibilia, 2015; Sawamura, 2016, Rohden; Cavalheiro, 2023).

Os pacientes peritos e a gestão de si

A relação entre marcadores de saúde e masculinidade não é um caso isolado de consumidores de conteúdo digital de musculação. Como já salientara Nicolas Rose (2013), o neoliberalismo enfatiza a autorrealização em um regime de si mesmo. Portanto, os indivíduos se tornam responsáveis pela gestão de suas vidas e, conseqüentemente, da sua saúde.

Esse esquema está relacionado ao que Rose (2013) vai classificar em cinco classes. A

primeira seria a molecularização da vida, que incide na ideia de nos compreendermos a partir de unidades mínimas do nosso organismo. Tal ideia conecta-se com uma segunda: a otimização biológica, desdobrando-se na constituição subjetiva relacionada ao saber médico, que, por sua vez, produz determinada classe de especialistas em bioética. Esse contexto gera uma economia da vida baseada em um biovalor, determinada a orientar a conduta da vida.

Nessa mesma esteira, Jane Russo (2021) destaca como as empresas de biotecnologia e a indústria farmacêutica são fundamentais na forma de conduzir a vida dos indivíduos, direcionando-a a uma gestão de si através das drogas de aprimoramento. Ao mesmo tempo, o saber médico se torna um imperativo, perdendo sua centralidade na instituição clássica da medicina, que seria os hospitais e consultórios, mas ganham novos contornos na internet. Consequentemente, a circulação da informação se torna mais veloz, difundida e disputada.

Outro movimento similar está relacionado a saída do fármaco da esfera pública ou das instituições médicas para se pulverizar e chegar no espaço privado. A relação que se estabelece diretamente entre o sujeito e o medicamento, sem a necessidade de um intermediário, tornando o espaço doméstico também o local do fármaco (Tramontano, 2017).

Além disso, Russo (2021) chama a atenção para o fenômeno que a internet gera nos consumidores de conteúdo sobre saúde, nomeando-os como pacientes especialistas ou peritos. Esses são indivíduos que vão ao consultório médico em busca de algum medicamento devido à queixa de determinados sintomas, em que encontraram algum tratamento terapêutico previamente autodiagnosticados em conteúdo da internet. São também aqueles que acumulam conhecimento sobre funções de seu corpo, mantêm uma dieta equilibrada e fazem atividades físicas no intuito de melhorar a saúde. Geralmente, as drogas que os pacientes especialistas buscam ao chegar no consultório estão relacionadas a uma melhora na performance física e mental. Curiosamente, é possível fazer um paralelo com a recorrência na qual os homens entram nos grupos de vendas de hormônios. Mesmo sem a necessidade de uma justificativa para ter acesso à testosterona com os traficantes, muitos chegam a partir do autodiagnóstico de hipogonadismo, sugerindo que o discurso de possuir alguma disfunção física preenche de sentido o ato de comprar a droga ilegalmente.

Do consultório à consultoria personalizada

Russo (2021) sinaliza essa mudança na relação com o consultório médico de maneira mais ampla, ao referir-se a Nicolas Rose:

Rose faz referência a um terceiro tipo de personagem: o expert pastoral. Trata-se de um conjunto de profissionais, oriundos de profissões novas ou renovadas, que compõem uma coleção de novas especialidades. Estas têm como finalidade orientar / aconselhar / instruir sujeitos que devem escolher o melhor para si mesmos (ou seus filhos ou seus familiares). Em oposição à relação hierárquica tradicional entre o

médico e seu paciente, que concentrava o poder de decisão nas mãos do médico, trata-se de horizontalizar as decisões, dar ao paciente o poder de decisão e de barganha. E ao mesmo tempo, responsabilizá-lo pelas decisões tomadas (Russo, 2021, p. 8).

Esse saber médico está pulverizado nas redes sociais, porém com certas peculiaridades. Apresento como exemplo os diversos influenciadores, mencionados anteriormente, que se denominam *coaches*. No caso específico do mundo maromba, os influenciadores/*coaches* vendem consultorias. Um pacote de serviços online que inclui um plano alimentar, uma planilha com treino de musculação estruturado e um protocolo hormonal.

Vale destacar aqui o termo consultoria que é empregado no lugar de consulta. Essa palavra surge do contexto empresarial, sendo um consultor aquele que oferece uma visão externa sobre os processos administrativos de uma empresa, de modo a otimizar a gestão dos recursos. O olhar corporativo, nessa lógica, é empregado sob gerenciamento da saúde do indivíduo, em uma relação que se constitui pela imagem que os *coaches* constroem na internet. Essa ideia da imagem, se ilustra na seguinte situação: alguns *coaches*, apesar de possuírem formação acadêmica e embasarem seus conteúdos sob a ótica do discurso científico e médico/farmacêutico, são validados pelos seus seguidores pelo corpo que eles apresentam e pela experiência que possuem dentro da prática esportiva. Esse elemento visual e diegético sobre a produção de uma narrativa de vida, é o que possibilita emergir *coaches* sem formação acadêmica. Assim, a consulta dentro de uma clínica com um profissional médico, nutricionista ou educador físico, dá lugar para as “consultorias individualizadas online” oferecidas por pessoas sem, necessariamente, uma formação na área da saúde, contudo apresentando um argumento estético que os legitima perante o público. Aqui notamos a importância de certa noção de vivência em detrimento do conhecimento teórico, sugerindo que não há como saber o processo de cura, sem antes ter sido doente (Caprara, 1998). Essa ideia é verificável nas frases repetidas diversas vezes nos canais do meio fitness e maromba como “você iria em um dentista banguela?” “você confiaria em um personal sem *shape*?”, “Você confiaria em uma dieta de um nutricionista gordo?”

Outro elemento a ser destacado nessa nova lógica de saúde difundida pelos influenciadores diz respeito aos protocolos hormonais. A noção de protocolo carrega um caráter ritual no processo de medicalização, pois submete os sujeitos a um conjunto de regras e procedimentos que devem ser seguidos rigidamente. Além disso, estabelece-se uma relação de identificação com o influenciador, de modo que o cliente passa a seguir quase cegamente suas orientações. Há, nessa dinâmica, uma dimensão de fé na forma como o coach organiza as doses e a frequência das aplicações.

Essa relação de fé não é tão diferente do que se esperava que o paciente tivesse no médico, no entanto os *coaches*, diferente dos profissionais da saúde, não detém apenas o conhecimento,

mas a imagem da concretização de um objetivo. Além disso, os protocolos de hormônios têm como finalidade produzir novos modelos biológicos de pessoa, possibilitando transformações corporais que antigamente era restrita a um certo grupo de pessoas marginalizadas. A testosterona, nesse sentido, é uma potência transformativa do entendimento biológico do indivíduo.

O suco da masculinidade e a molecularização da vida

A testosterona demarca um estilo de masculinidade (Faludi, 2006; Fausto-Sterling, 2001). Concordando com Tramontano (2017), esse hormônio tem valor metonímico, uma vez que, quando falamos de virilidade no ocidente, comumente, nos referimos a ele. Em alguns grupos, se um homem se apresentar de uma forma considerada mais ou menos viril, o que se comenta sobre isso é que lhe falte ou o que lhe sobre essa substância. Sendo assim, a manipulação dessa molécula tem o poder mágico de outorgar uma masculinidade aprimorada a uma pessoa.

Essa relação de aprimoramento da qualidade de vida que os fármacos proporcionam já são amplamente discutido na antropologia da saúde. Como sinalizou Russo (2021), essas drogas não são para livrar os sujeitos de alguma enfermidade, mas para apresentar uma nova forma de se manifestar socialmente enquanto um sujeito que se produz no ideal gerado pelo medicamento. Em vista disso, a testosterona se enquadra como uma droga de aprimoramento uma vez que ela demarca um estilo de masculinidade viril além do normal. Um influenciador famoso, cuja frase é repetida exaustivamente, afirma que devemos nos tornar “super-humanos” e dar 110% para alcançarmos nossos objetivos.

Complementando essa ideia, Tramontano (2017), a partir de Rose, compreende que o processo de molecularização da vida

favorece o recurso farmacológico toda vez que o mesmo estiver disponível, seja para qual condição for, acredito que a testosterona tenha especificidades que aprofundam ainda mais esse processo. Sendo um hormônio “sexual”, cuja aplicação mais legítima envolve uma noção de rejuvenescimento, os efeitos da testosterona estão no campo do privado, do íntimo, que seria a princípio mais refratário à intervenção médica no caso masculino. Entretanto, essa premissa cai por terra quando consideramos que a biopolítica contemporânea incentiva uma intensa “farmacologização do cotidiano”, notadamente nas questões sexuais (Tramontano, 2017, p. 20).

O autor, ainda, sugere que se existe algo de novo nas modificações corporais nas últimas décadas é que elas estão relacionadas com tecnologias exclusivamente médicas. Os medicamentos, portanto, se tornam artefatos capazes de aprimorar as funções do corpo, bem como sua aparência. Nesse sentido se estabelece uma relação metonímica entre saúde e medicamento. Os usuários constroem vínculos com os fármacos por uma pretensa busca por saúde.

A qualidade de vida e a testosterona: performance sexual e virilidade

Não é coincidência que o termo “drogas de estilo de vida” é o que nomeia os medicamentos que ficaram famosos, ou pelo seu uso *off label*¹⁶, ou pelo fato deles não tratarem, imediatamente, uma doença, mas pelo seu caráter de aprimoramento pessoal. Em outras palavras, esses fármacos fogem do controle da medicina, e ganham novos usos que vão além do originalmente desenvolvido. As drogas feitas para um indivíduo ter uma vida “normal” passam a ser utilizadas para que se tenha uma vida supostamente aprimorada, mais intensa. A testosterona, por exemplo, é usada para amplificar características entendidas como uma masculinidade mais viril, aumentando a libido, a força e mudança da compleição física (Tramontano, 2017), se constituindo uma relação metonímica entre saúde e medicamento. O vínculo que se estabelece com essas substâncias não é senão uma busca por bem-estar, o que pode se caracterizar uma relação entre a ideia de saúde e bem-estar para eles. Em alguns grupos sociais, muito influenciados pela dinâmica aqui descrita, algumas pessoas esquecem que esse mesmo medicamento pode ser comparado como as substâncias psicoativas de circulação ilegal, uma vez que são usados para manipular os níveis hormonais do corpo humano e raramente para os fins que foram criados.

Segundo Russo (2013), a virilidade passível de ser adquirida na farmácia está relacionada a liberdade feminina. A autora relaciona o advento da pílula anticoncepcional a uma nova relação entre a prática sexual feminina e críticas a performance masculina. Dessa maneira, possibilita que em alguns contextos, os homens passam a ser vidraça e submetidos ao escrutínio feminino. Cabe salientar, que não é que os papéis de poder se invertem, mas se colocou uma nova questão para a masculinidade. A consequência disso é o homem heterossexual que, historicamente é compreendido como mais racional, portanto, menos propenso a conflitos psíquicos ou relacionais, passa a sofrer um certo grau de ansiedade sobre sua performance sexual.

Assim, o prazer sexual passa a ser compreendido como uma performance idealizada, tornando-se uma commodity que pode ser adquirida através de drogas. Essa lógica é observável entre os usuários de testosterona, pois seus testemunhos costumam girar em torno da ideia de uma sexualidade aflorada. O hormônio costuma ser exaltado pelo aumento descomunal da libido.

Vejamos o caso em que um dos usuários do grupo atesta a qualidade do produto vendido:

Ô galera pode comprar que o produto é bom, tô com meu amigão [seu pênis] aqui acordado a noite toda. Nunca vi o bichão [outra referência ao pênis] tão disposto. Me

16 O uso *off label* significa que o medicamento é utilizado para outros fins além dos quais foram aprovados pelas agências reguladoras.

sinto com 17 anos de novo. O negócio é melhor que viagra, minha mulher tá fudida (J., 35 anos, 2024).

Outro caso ilustrativo e mais amplo foi de um membro que, entusiasta da testosterona como política pública para toda a população brasileira, sugeria o uso do hormônio

[...] Não vai esperar tá com 90 anos para tomar, ou quando já estiver broxa. Porque testosterona é vida. Cabo do machado. 10 trepada por dia. Pode tomar sem treinar. Se tiver namorada já manda manipular uma testo em gel para ela. Senão ela vai sofrer, pois se ela quiser sofrer tu pega até “véia”. Nessa, “véia” fica bonita, mulher sem bunda tu começa a ver bunda nela. Negócio da testosterona tinha que ser obrigatório: 1 ml a cada 15 dias. Porque o povo fica disposto. Trabalha e não cansa. Se ver, no final, o governo sai ganhando (C., 53 anos, 2024).

Este tipo de discurso evidencia que o uso de drogas de aprimoramento está também vinculado a um gosto de classe. Russo (2013) entende que os estratos mais privilegiados, que já tem seus direitos sexuais garantidos, são o público-alvo desses medicamentos. Em sua dissertação, Azize (2002) já apontava a tendência nas classes médias urbanas do Ocidente de um “idioma da saúde” emergindo, sendo que o campo semântico desse idioma não está necessariamente em oposição à ideia de doença, mas relacionado a uma noção de qualidade de vida que podemos perceber pela quantidade de fármacos que são lançados no intuito de trazer “um estado mais completo de saúde”. Esse nível máximo de bem-estar físico e mental é explorado no nicho fitness e maromba através da venda de suplementos alimentares milagrosos, como *whey protein*, creatina, arginina, taurina, beta alanina, coenzima Q-10 entre outros.

Em uma referência a Lefèvre, Azize (2002) menciona que o conceito de saúde chegava hipertrofiado em 2002. Vinte e dois anos depois, a noção de saúde se relaciona diretamente com hipertrofiar os músculos. Influenciadores do meio fitness, frequentemente apresentados como vitrine de um estilo de vida saudável, exibem corpos com baixíssimo percentual de gordura e elevada massa muscular. Em geral, publicam imagens sem camisa e comercializam suplementos, sugerindo que esse tipo de físico pode ser alcançado por meio de suplementação, dieta equilibrada, atividade física regular e disciplina.

Em diversos momentos os membros dos grupos associavam o uso da testosterona à melhor qualidade de vida. Quando perguntados sobre qual era o significado disso, responderam:

Ter disposição [o contrário de ter preguiça], libido boa, mental bom [saúde mental], corpo funcional (G., 34 anos, 2024).

Pra mim é ter disposição. Eu não tinha vontade de fazer nada, sempre cansado. O treino não dava resultado. Libido lá embaixo (J., 30 anos, 2024).

Retomando a observação de Russo (2013) sobre a relação entre classe social e consumo de drogas de qualidade de vida, a testosterona e todo arsenal de suplementos que envolvem o

meio maromba, aponta para a construção de um capital corporal que expressa visualmente um acúmulo de capital econômico, visto que para manter um corpo musculoso, semelhante ao de um fisiculturista uma pessoa precisa não só de tempo livre, mas de um grande poder financeiro para investir em um protocolo hormonal. Logo, a noção de “ter um shape” configura um certo tipo de masculinidade no qual ser bem-sucedido significa ostentar uma ideia de uma estética jovial e de aparente saúde.

Redes Sociais e a farmacologização da vida

Essa imagem produzida pelas redes sociais, que relaciona satisfação pessoal a exercícios físicos, alimentação saudável e suplementação, conecta-se ao que Rohden (2011) chama atenção ao discutir a tendência disseminada pela farmacologia de buscar constantemente a melhoria de si. Nesse contexto, experiências antes consideradas normais passam a ser interpretadas como patológicas, abrindo espaço para novas leituras sobre qualidade de vida e saúde, já que se impõe uma busca incessante por maior “eficácia” nas atividades cotidianas. Com isso, transforma-se o conceito de saúde, antes organizado em torno das oposições normal/anormal e funcional/disfuncional. Nesse processo, o envelhecimento também adquire novos significados: embora permaneça uma condição normal, torna-se cada vez mais objeto de intervenções e medicalização.

Para Rohden (2011), a sexualidade e o envelhecimento são frequentemente moldados pela “imaginação farmacêutica”. Dessa forma, a relação entre envelhecimento, sexualidade masculina e promoção de novas drogas que modelam o comportamento, valorizam um ideal de corpo jovem e saudável também sexualmente ativo. Trata-se de reconhecer, portanto, como o processo de promoção de novos diagnósticos e tratamentos produz narrativas eficazes, que acionam valores e representações sensíveis em determinados contextos culturais (Rohden, 2011).

Alguns autores chegam mesmo a definir a promoção e comercialização de novas doenças como casos de “disease mongering”, ou seja, da execução de um conjunto de estratégias sequenciais empregadas para convencer as pessoas, não necessariamente “doentes”, de que teriam problemas de saúde e de que deveriam tratá-los via o aparato médico-farmacêutico (Rohden, 2011, p. 163).

Sobre esse aspecto, Tramontano e Russo (2015) ressaltam que a discussão médica sobre a testosterona está vinculada ao envelhecimento masculino, conhecido como Deficiência Androgênica do Envelhecimento Masculino (DAEM). É interessante cruzarmos os trabalhos sobre drogas de qualidade de vida como Viagra, com os relatos de homens que chegam aos consultórios de urologistas ou endocrinologistas em busca de testosterona, pois, em grande parte, o interesse pelo hormônio passa pelo desejo de melhorar a sua libido, e, às vezes, parece secundário a ideia de ganhar massa muscular. Nos grupos de venda de hormônio, por exemplo,

é constante a recomendação de não usar derivados como a di-hidrotestosterona ou 19-nor sem estar combinado com um éster de testosterona exógena. Apesar dessas modificações na molécula a tornarem mais anabólicas e menos androgênicas, diminuindo os efeitos colaterais, elas são conhecidas por diminuir a libido, causando impotência sexual. “*Se tomar deca (decanoato de nandrolona) sozinha vai jogar sinuca com corda*” Essa frase era repetida com certa frequência, apenas mudava a substância que causava impotência, representada pela ideia de jogar sinuca com uma corda.

Tramontano e Russo (2015) apontam que hipogonadismo é uma doença de difícil detecção, e de pouco consenso entre os médicos. Há uma tendência de baixar os valores satisfatórios para considerar a produção de testosterona tolerável, assim como ocorrido com outras enfermidades, criando um estágio de pré-doença.

Por outro lado, cabe destacar as ressalvas que Tramontano (2017) faz em sua tese em relação ao exame de testosterona total e sua baixa precisão. Além da dificuldade de uma análise precisa, há outros fatores que podem influenciar na variação desse hormônio no corpo, como uma noite mal dormida, má alimentação, ou o próprio horário do exame. Isso significa que esse marcador é extremamente variável, tendo pouca verificabilidade. Além disso, os sintomas do hipogonadismo são semelhantes a diversos outros fatores que são comuns no mundo moderno, como ansiedade, depressão, cansaço, falta de libido, acúmulo de gordura abdominal entre outros, tornando o diagnóstico da deficiência completamente aleatório.

Por outro lado, Tramontano (2017) indica que, em alguns contextos, a testosterona foge da relação medicamento x doença, pois os usuários costumam recorrer a ela sem nenhum problema de saúde. A testosterona, então, não se relaciona, essencialmente, com a doença hipogonadismo, mas com um ideal de virilidade. Seguindo essa lógica, poderíamos sugerir que o autodiagnóstico de hipogonadismo nos grupos estudados não seria uma metonímia de uma hipomasculinidade?

Trazendo a discussão para o campo desta pesquisa, cabe destacar a recorrência do tema da masculinidade em crise que circula nos grupos de *WhatsApp* e também é mencionado por influenciadores. Um dos argumentos para esse declínio reproduzido no nicho maromba é devido à falta de testosterona nos homens, dando oportunidade para as mulheres dominarem o espaço público bem como um suposto aumento da homossexualidade. Em vista disso, o uso do hormônio é compreendido como uma forma de recuperar um modelo de masculinidade mais viril, evidenciando a potência do medicamento em modular características subjetivas e a compreensão de si.

Esta articulação entre hormônio e identidade masculina se manifesta concretamente nos grupos estudados, como ilustram os episódios a seguir. Quando alguém perguntou se o Durateston da Aspen, comprado em farmácia, era melhor que o de uma farmacêutica paraguaia

responderam:

Da farmácia é fraca, o governo não quer liberar hormônio masculino, mas libera hormônio feminino. Se você ir ao posto [de saúde] e falar que quer virar mulher, eles vão pagar seu tratamento. Se você pedir hormônio masculino é cheio de critério e mesmo assim não vão dar. Quanto mais frágil e feminino você for, melhor para eles [te governarem] (V., 24 anos, 2024).

Quando V. fez esse comentário perguntei se ele estava tomando testosterona por motivos estéticos ou para se tornar homem, e nisso começou um debate sobre a fraqueza do homem moderno.

A sociedade boicota a masculinidade, você não acha? Hoje homens são criados para serem pacíficos. Engoli sapo. E ser pau mandado. Agora pega um cara com testo [testosterona] baixa. Sociedade monta em cima do cara e faz o que quiser com ele (V., 24 anos, 2024).

O governo quer você desmaculinizado, do verbo baitolagem. Vai deixar? (D., 42 anos, 2024).

A frase de D. foi para ilustrar um link que ele compartilhou do gov.br que tratava de uma portaria do governo sobre a regularização de produtos que tenham na sua composição *tribulus terrestris*, uma planta usada em suplementos para aumentar de maneira natural a testosterona. É tradicionalmente associada ao aumento da libido, mas sem comprovações científicas sólidas para sustentar os benefícios do fitoterápico.

Os discursos observados nos grupos de WhatsApp ecoam uma narrativa mais ampla que circula pela internet, onde a relação entre masculinidade e testosterona transcende o nicho fitness. Um exemplo dessa disseminação pode ser visto em uma postagem de um perfil espanhol no Instagram de um homem com um cartaz no pescoço com a frase “*nos callamos para que hable vosotras*” uma referência a dar protagonismo às mulheres, havia alguns comentários que relacionava esse posicionamento a baixa testosterona: “*tengo la teoría de que em España está prohibida la testosterona*” e “*los efectos de la falta de testosterona*” diziam alguns homens sobre a foto, além dos comentários de mulheres que entendiam que aquela manifestação em apoio a elas, era uma estratégia para ter relações sexuais com feministas “*su mente: ‘si con esto no la pongo, no la pongo más’*” e “*espero que si la haya puesto después de eso*”.

Nessa direção, o trabalho de Rohden (2021) ajuda a fazer uma conexão entre a subjetividade produzida pela biotecnologia com a construída nas redes sociais a partir do conceito de subjetividade sintética.

É bom lembrar que a imagem da síntese de diferentes componentes pode também ser usada para pensar a respeito do uso de tecnologias visuais digitais de apresentação de si, tão em voga atualmente e que remetem a uma junção entre a pele (e a imagem

corporal) e a tela dos diferentes dispositivos tecnológicos empregados. Não há dúvidas de que também tais incorporações passam a compor de forma muito enfática a configuração das formas de subjetividade contemporâneas (Rohden, 2021, p. 4).

A subjetividade contemporânea constituída pela apresentação de si através das redes sociais (Sibilia, 2015) promove, consciente ou inconscientemente, um ideal de vida perfeita, devido aos recortes que os indivíduos fazem de suas próprias vidas e apresentam em seus perfis virtuais. Não é mera coincidência que as últimas décadas, a inspiração para ser um influenciador digital se tornou um objetivo profissional entre os jovens¹⁷. Percebe-se como a modernidade é capaz de sintetizar a subjetividade em números quer seja pelas estatísticas das redes sociais, quer seja através dos hormônios.

Estes exemplos sugerem que a testosterona opera não apenas como substância biológica, mas como elemento central na construção de subjetividades masculinas mediadas pelas redes sociais. A circulação desses discursos revela uma articulação complexa entre corpo, hormônio e tecnologias digitais. Nessa direção, Rohden e Cavalheiro (2023) discorrem como os hormônios se convertem em explicações para determinada condição de saúde tanto negativa, como uma indisposição, ou mau humor, quanto positiva como aumento de libido e massa magra. Os homens usuários de testosterona, frequentemente, atribuem alguma mudança no seu estado de humor e libido à uma variação da prolactina, estradiol ou do próprio “hormônio masculino”, excetuando qualquer influência social para tal. Portanto, a relação que se estabelece com a administração de hormônios sintéticos bioidênticos é uma compreensão de si através de interpretações sobre variações das moléculas no seu corpo.

Em vista disso, a medicação passa a ser uma solução mágica para os nossos problemas, uma vez que elas podem regular e aprimorar nossas vidas. Essa proposta analítica segue na linha dos estudos que têm demonstrado como os hormônios têm sido apresentados, ao longo de sua história de descoberta nas primeiras décadas do século XX até os mais recentes achados científicos e proposições terapêuticas, como entidades capazes de sintetizar muitas das perspectivas em voga acerca do funcionamento corporal e tantas outras consequências em termos de saúde, bem-estar, adoecimento (Rohden; Cavalheiro, 2023; Fausto-Sterling, 2006; Faludi, 2006; Azize, 2002)

Segundo Rohden e Cavalheiro (2023) os fármacos se tornaram muito mais que uma compreensão química do corpo humano, mas algo que dá sentido para a vida social. O trabalho das autoras sobre medicina *antiaging* com modulação hormonal, estuda grupos organizados no Facebook de pessoas de classe média que se consultam com médicos que trabalham com

17 Disponível em: <https://cbn.globoradio.globo.com/media/audio/388899/75-dos-jovens-brasileiros-querem-ser-influenciador.htm>. Acesso em: 6 set. 2024.

protocolos de hormônios para retardar o envelhecimento. Nesses grupos na Rede Social da Meta as pessoas se organizam para trocar informações e dar seus testemunhos sobre o tratamento. Essa terapia está associada a alimentação balanceada e exercícios físicos, trazendo uma ideia de disciplina, isto é, o hormônio é apenas um dos pilares para o antienvelhecimento, sendo necessário uma mudança, às vezes, radical da vida.

Por outro lado, os grupos de WhatsApp e perfis maromba nas redes sociais, que são objetos deste artigo, configuram uma camada mais subterrânea da modulação hormonal que escapa do consultório médico. Apesar de haver diversas semelhanças no modo de organização entre ambos, como certa glorificação do uso da droga, as frequentes narrativas sobre a transformação de si no processo de uso do hormônio, apresentadas em fotos e textos de superação, os grupos de vendas e canais no YouTube possuem uma sutil diferença em relação aos grupos estudados por Rohden e Cavalheiro (2023). Em vez, de recomendar abertamente o uso dos esteroides, o discurso dos canais gira em torno da redução de danos causados pelo abuso ou uso sem conhecimento dos efeitos colaterais. Entende-se que há pessoas que recorrerão da substância sendo ilegal ou não, logo é necessário conhecer os benefícios e riscos das doses supra fisiológicas de testosterona. O mote que resume a maioria desses canais é que se está trocando saúde por estética.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vias de conclusão, este trabalho apresentou as primeiras reflexões sobre a pesquisa com usuários de testosterona e os discursos sobre saúde e masculinidade que circulam nas redes sociais. Apesar de o uso de esteroides não ser um fenômeno novo, na era das plataformas digitais ele ganha novos contornos. Alguns usuários mais dedicados, por exemplo, tornam-se um tipo específico de paciente perito: especialista nos saberes da endocrinologia e da nutrição a partir das informações divulgadas, no YouTube, no Instagram e no próprio WhatsApp. A descentralização do saber médico, nesse caso, permite uma modulação subjetiva da maneira que esses homens se compreendem enquanto sujeitos atravessados por uma identidade de gênero que está diretamente relacionada à molécula de testosterona.

Percebe-se que a aplicação dessa substância vai muito além da estética, e está muito mais relacionada a uma noção de qualidade de vida e bem-estar, tendo sua centralidade para aflorar a libido, aumentar a disposição para as tarefas cotidianas e potencializar o lazer ligado à prática esportiva. Além disso, a ideia de uma Terapia de Reposição de Testosterona e de uma suposta epidemia de hipogonadismo aparentemente está associada a teorias conspiratórias antifeministas.

Permanece como questão a ser investigada, o que de fato faz esses homens se viciarem na performance e assumir tais comportamentos de risco, assumindo o perigo de tomar altas doses de hormônio: seria algo relacionada à masculinidade, ou uma demanda mais ampla do capitalismo? Relacionado a essa questão, emerge outro problema: até que ponto os discursos masculinistas de extrema direita, que interpretam a baixa testosterona como forma de controle estatal, se conectam aos discursos dos influenciadores do meio maromba?

Portanto, o que emerge desta investigação é a percepção de que a testosterona opera como um pivô de novas subjetividades sintéticas. Ela não apenas circula nos grupos de WhatsApp; ela estrutura o modo como esses homens habitam seus corpos e narram suas trajetórias de saúde. Ao condensar ideais de performance e pertencimento, a molécula assume uma função política, mediando a relação entre o íntimo e o público. Dessa forma, entende-se que o uso do hormônio não é uma mera vaidade estética, mas, como o título do artigo sugere, um ‘vício na performance’ que se traduz em um sintoma social da sociedade do desempenho.

REFERÊNCIAS

1. ALSHAREEF, Sanada; GOKARAKONDA, Srinivasa; MARWAHA, Raman. Anabolic Steroid Use Disorder. *StatPearls*, [s. l.], 20 jul. 2023.. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK538174/2023>. Acesso em: 20 nov. 2024.
2. AZIZE, Rogério. **A química da qualidade de vida: um olhar antropológico sobre o uso de medicamentos e saúde em classes médias urbanas brasileiras**. 2002. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-graduação em Antropologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Joinville, 2002.
3. CAPRARA, Andrea. O médico Ferido: Omulu nos labirintos da doença. *In*: ALVES. Paulo Cesar; RABELO, Cristina Miriam. **Antropologia da saúde: traçando identidade e explorando fronteiras**. Rio de Janeiro: Fiocruz: Relume Dumará, 1998. p. 123-138.
4. CECHETTO, Fatima Regina; FARIAS, Patricia Silveira de; SILVA, Paulo Rodrigo Pedroso da; CORRÊA, Juliana Silva.. Onde os fracos não têm vez: discursos sobre anabolizantes, corpo e masculinidades em uma revista especializada. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, p. 873-893, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312012000300003>. Acesso em: 2 fev. 2026.
5. CONNELL, Raewyn. Políticas da masculinidade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, 1995.
6. FALUDI, Susan. **Domados, Como a cultura traiu o homem americano**. Rio de

Janeiro: Rocco, 2006

7. FAUSTO-STERLING, Anne. **Cuerpos Sexuados**. Políticas de género y la construcción de la sexualidad. Barcelona: Editorial Melusina, 2006.
8. FAUSTO-STERLING, Anne. Gender systems: toward a theory of human sexuality. In: FAUSTO-STERLING, Anne **Sexing the body**: gender politics and the construction of sexuality. New York: Basic Books, 2001.
9. HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.
10. PARREIRAS, Carolina. Etnografia e uso de plataformas digitais: Aprendendo com o WhatsApp. **Novos Debates**, [s. l.], v. 10, n. 1, 2024. Disponível em: <https://novosdebates.abant.org.br/revista/index.php/novosdebates/article/view/421>. Acesso em: 19 dez. 2025.
11. ROHDEN, Fabíola. “O homem é mesmo a sua testosterona”: promoção da andropausa e representações sobre sexualidade e envelhecimento no cenário brasileiro. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 17, n. 35, p. 161-196, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832011000100006>, Acesso em: 2 fev. 2026.
12. ROHDEN, Fabíola; CAVALHEIRO, Camila Silveira. “Me sinto outra pessoa”: testemunhos de transformação via modulação hormonal bioidêntica. **Ilha Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 199–217, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/85477>. Acesso em: 12 set. 2024.
13. ROSE, Nikolas. **A política da própria vida**: biomedicina, poder e subjetividade no século XXI. São Paulo: Paulus, 2013.
14. RUSSO, Jane. Farmacologização da sexualidade e direitos sexuais: reflexões sobre uma possível incompatibilidade. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, [s. l.], v. 24, n. 2, 2013. Disponível em: https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/176. Acesso em: 12 set. 2024.
15. RUSSO, Jane. Biotecnologia e construção de si. **(SYN)THESIS**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 6–14, 2021. Disponível em: <https://www.epublicacoes.uerj.br/synthesis/article/view/64347>. Acesso em: 12 set. 2024.
16. SAWAMURA, Ana Paula. A Exposição Do Corpo Fitness No Instagram. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016.
17. SIBILIA, Paula. O pavor da carne: riscos da pureza e do sacrificio no corpo-imagem contemporâneo. **Revista FAMECOS**, [s. l.], v. 11, n. 25, p. 68–84, 2008.
18. SIBILIA, Paula. O corpo velho como uma imagem com falhas: a moral da pele lisa e a censura midiática da velhice. **Comunicação Mídia e Consumo**, [s. l.], v. 9, n. 26, p. 83–114, 2013. Disponível em: <https://revistacmc.espm.br/revistacmc/article/view/345>. Acesso em: 26 ago. 2025.

19. SIBILIA, Paula. O passado editável: crise da interioridade e espetacularização de si. **CIEN Digital**, Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <http://www.institutopsicanalise-mg.com.br/ciendigital/n17/hifen1.html>. Acesso em: 7 nov. 2024.
20. SILVA, Ioanna Costa da. O que é ser um grupo de WhatsApp? Possibilidades, contextos e apropriações do digital a partir da liga canábica/rn. *In*: REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DO MERCOSUL, 14., Niterói, 2023. **Anais** [...]. Niterói: UFF, 2023.
21. SIVALOKANATHAN, Sanjay; MAŁEK, Łukasz; MALHOTRA, Aneil. The Cardiac Effects of Performance-Enhancing Medications: Caffeine vs. Anabolic Androgenic Steroids. **Diagnostics (Basel)**, [s. l.], v. 11, n. 2, 2021. Disponível em: 10.3390/diagnostics11020324. Acesso em: 2 fev. 2026.
22. TRAMONTANO, Lucas. **Testosterona**: as múltiplas fases de uma molécula. 2017. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
23. TRAMONTANO, Lucas; RUSSO, Jane Araujo. O diagnóstico de deficiência androgênica do envelhecimento masculino e os (des)caminhos do desejo sexual masculino. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 20, n. 1, p. 174–193, 2015. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/21056>. Acesso em: 12 set. 2024.
24. VALE DE ALMEIDA, Miguel. **Senhores de si**: uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa: Fim de Século, 1996.

Tiago Sales de Lima Figueiredo

Pós-doutorando no Museu Nacional e Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutor em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1049-3190>. E-mail: slf.tiago@gmail.com